

ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Setembro 2013





Sobre a imagem da capa: Trabalho de CARLOS ZÍLIO - "Rubens on the beach II, 2007, óleo e bastão de óleo sobre tela, 140x180cm".

MACRS: 21 anos de algumas conquistas, muitas crises e permanentes indefinições

Paula Ramos - UFRGS/CBHA

Resumo: Com 21 anos de trajetória, o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) padece de quase tudo: infra-estrutura, recursos humanos, aporte financeiro e, inclusive, sede própria. Embora seja uma das mais importantes instituições artísticas do Estado, sua situação é quase de marginalidade. A presente comunicação discute as estratégias de legitimação e sobrevivência do MACRS, ao longo de suas duas décadas, enfatizando as perspectivas atuais.

Palavras-chave: Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Sistema da arte. Estratégia de legitimação. Política cultural.

Abstract: With 21 years of trajectory, the Museum of Contemporary Art of Rio Grande do Sul (MACRS) suffers from the lack of almost everything: infrastructure, human resources, financial support and, even, its own headquarters. In spite of being one of the most important artistic institutions of the State, its situation borders on precariousness. The present communication discusses the strategies of legitimation and survival that have

been implemented by the MACRS in its two decades of existence, emphasizing its current prospects.

Key-words: Museum of Contemporary Art of Rio Grande do Sul (MACRS). System of the art. Strategy of legitimation. Cultural politics.

No ano de 2012, o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) completou 20 anos com otimismo e celebra, neste ano de 2013, a sua maioridade. Junto com o MARGS, o Museu de Arte do Estado, é a principal instância pública no panorama artístico sul-riograndense. Ao ser instituído, em 1992, o MACRS foi alocado temporariamente em algumas salas da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre. Porém, o que era para ser uma localização provisória se mostrou permanente e, até hoje, o museu se restringe a um espaço de pouco mais de 500 m², incluindo as áreas administrativas e de acervo.¹ Além de não possuir sede própria, o MACRS tem dificuldades para acondicionar sua coleção, o que já resultou em perda total de algumas obras. Carências de infraestrutura são uma constante, assim como de recursos e de aporte estatal. Malgrado as boas intenções de seus vários diretores, o museu ainda parece lutar para se estabelecer como uma instituição efetivamente relevante não apenas no cenário artístico sul-riograndense, como no de Porto Alegre,

¹ Oficialmente, o MAC-RS administra a Galeria Sotero Cosme da Casa de Cultura Mario Quintana. Porém, um acordo com o Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI) também lhe concede, atualmente, a administração da Galeria Xico Stockinger e do Espaço Vasco Prado, ambos no 6º andar da CCMQ.

capital que abriga um dos mais aguardados eventos de arte contemporânea da América Latina: a Bienal do Mercosul. Como compreender, portanto, que o Estado que já promoveu nove bienais internacionais não consiga manter de forma condizente um Museu de Arte Contemporânea?

Muitas perguntas rondam o MACRS. A pesquisadora Bianca Knaak, em artigo recente sobre o museu, lança uma provocação no título, quando afirma e também questiona: *O MAC do Rio Grande do Sul: um museu que resiste (existe?)*.² Ex-diretora da instituição entre setembro de 1999 e janeiro de 2002, Knaak³ realiza uma importante revisão histórica do MACRS, que qualifica como “inócuo”, em um cenário de disputas hegemônicas. “Embora desejado, é provável que esse museu tenha nascido prematuro, pois além de uma sede apropriada, até hoje lhe falta uma política cultural a orientar e amparar enquanto bem público. Assim, seu papel institucional, como defende o IBRAM, não se estabelece propositivamente, nem mesmo no circuito local”.⁴

Vinculado à Secretaria de Estado da Cultura, o MACRS foi criado pelo Decreto nº 34.205, de 4 de março de 1992, a partir de projeto⁵ do então diretor do Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI, instituído em 1990), Gaudêncio Fidelis,

² KNAAK, Bianca. O MAC do Rio Grande do Sul: um museu que resiste (existe)? In: *Anais do XXXI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte 2011 – [Com/Com] tradições na História da Arte*. Organização: Ana Maria Tavares Cavalcanti, Maria de Fátima Morethy Couto, Marize Malta. ISSN 2236-0719, pp. 387–404.

³ Bianca Knaak é pesquisadora e professora do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte (UFRGS) e Doutora em História (UFRGS). Foi diretora do IEAVI e do MAC-RS entre setembro de 1999 e janeiro de 2002. Membro do CBHA.

⁴ Idem. p. 387.

⁵ O projeto de criação do museu havia sido encaminhado em 12 de agosto de 1991, pelo próprio Fidelis, à Secretária de Estado da Cultura, Mila Cauduro, durante a gestão do governador Alceu Collares (PDT).

também seu primeiro diretor.⁶ Menos de duas semanas depois, em 18 de março, o museu abria efetivamente suas portas, com a *Exposição Inaugural – Núcleo de Acervo*, e a mostra paralela *Décadas de Consolidação – Arte Brasileira no Acervo do MARGS*, esta última curada por Paulo Gomes.⁷ Passava a funcionar temporariamente na Galeria Sotero Cosme da Casa de Cultura Mario Quintana, no centro de Porto Alegre. Esta, por sua vez, era uma instituição de destaque entre os equipamentos culturais do Estado. Aberta à comunidade em 25 de setembro de 1990, a partir da restauração do antigo Hotel Majestic, a CCMQ⁸ despontou como um grande centro cultural, abrigando espaços para música, teatro, literatura, cinema e artes visuais, entre outros. Desde seu início, atraía um expressivo público, com destaque para o escolar. Assim, a presença de uma instituição como o MAC em seus espaços assinalava não somente o investimento do governo estadual na constituição de um acervo de arte contemporânea, como o seu interesse na formação de público para essa mesma produção. Tal característica aparece com destaque no Projeto Político-Administrativo de criação do museu, redigido no primeiro semestre de 1991. Em seu Capítulo 1, sobre a *Natureza e Finalidade* do MAC, o artigo único assevera as suas finalidades: “A) Pesquisar, preservar e divulgar

⁶ Gaudêncio Fidelis é curador e historiador da arte, especializado em arte moderna e contemporânea brasileira. É Mestre em Arte pela New York University e Doutor em História da Arte pela State University of New York. Foi Diretor do IEAVI e fundador e primeiro diretor do MAC-RS. Curador-adjunto da V Bienal de Artes Visuais do Mercosul (2005) e diretor do MARGS desde 2011.

⁷ Paulo Gomes é artista plástico, curador e professor do Instituto de Artes da UFRGS. Mestre e Doutor em Artes Visuais, ênfase em Poéticas Visuais (UFRGS). Foi diretor do IEAVI e do MAC-RS no ano de 1999. É autor de várias publicações em História da Arte e assumiu, em diversos momentos, representações sociais.

⁸ A instituição leva este nome porque no antigo Hotel Majestic viveu, durante 1968 e 1980, um ilustre hóspede: o poeta Mario Quintana (1906–1994).

um acervo de Arte Contemporânea regional, nacional e internacional; B) Desenvolver propostas educativas que visem à compreensão da arte contemporânea em suas várias modalidades”.⁹

Calcado em modelos referenciais de administração de museus, o projeto ainda previa que, para funcionar efetivamente, o MAC deveria contar com as seguintes instâncias, assim enumeradas: [1] conselho consultivo, [2] diretoria, [3] assessoria de marketing e comunicação social. Também teria as seguintes divisões: acervo, exposições temporárias, documentação e pesquisa, ação cultural, arte-educação, museologia, conservação e restauro, administração, para as quais foram indicadas as devidas atribuições. Ambicioso, o documento registra um “MAC utópico”, que nunca chegou a contar com tal estrutura.

Emerson Dionisio de Oliveira, em alentado estudo sobre nove museus de arte contemporânea no Brasil¹⁰, resgata um documento do MACRS de 1999, no qual sua equipe diretiva assumia o caráter paradoxal da instituição, apontando que coexistiam:

[...] o MAC Real, ou seja, aquele de que dispomos hoje, buscando manter e incrementar suas atividades dentro das condições mínimas de trabalho existente, e o MAC Utópico, aquele *não lugar* que

⁹ Projeto Político-Administrativo para o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, primeiro semestre de 1991, p. 4. Documento preservado junto ao MAC-RS.

¹⁰ O pesquisador analisou os seguintes museus: MACC (Museu de Arte Contemporânea de Campinas), MACPE (Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco), MACPR (Museu de Arte Contemporânea do Paraná), MAB (Museu de Arte de Brasília), MACG (Museu de Arte Contemporânea de Goiás), MARCO (Museu de Arte Contemporânea do Mato Grosso do Sul), MARP (Museu de Arte de Ribeirão Preto), MAL (Museu de Arte de Londrina) e o MACRS (Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul) (OLIVEIRA, 2010).

propomos que se estabeleça no mais curto espaço de tempo possível, como um espaço qualificado para o cumprimento de seu papel. (*apud* OLIVEIRA, 2010, p. 20)

Tal condição, segundo Oliveira, é enfrentada por vários museus brasileiros, que precisam operar suas atividades nestas duas frentes, o real e o utópico: “Ou melhor dizendo, *o real-com-o-utópico*” (OLIVEIRA, 2010, p. 20).

No Rio Grande do Sul, o museu estatal mais próximo da estrutura há pouco apresentada é o MARGS, Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli.¹¹ Funcionando no antigo prédio da Delegacia Fiscal do Estado, junto à Praça da Alfândega, em Porto Alegre, o MARGS conta com setores de acervo, restauração, documentação e educativo, entre outros. Para tanto, traz em seu quadro de recursos humanos 24 funcionários.¹² Como comparativo, o MAC tem hoje apenas sete funcionários: seu diretor, o artista plástico e gestor cultural André Venzon,¹³ que trabalha em regime de cargo comissionado, quatro estagiários e dois funcionários, recentemente contratados.

MACRS: oficial e à margem

Dos dez museus administrados pelo Governo do Estado existentes no Rio Grande do Sul, apenas o MAC e

¹¹ Criado oficialmente em 1957 a partir de uma iniciativa do artista paulista Ado Malagoli (1906–1994), o MARGS é o mais importante museu de arte do Rio Grande do Sul.

¹² Dados de setembro de 2013, incluindo os funcionários concursados, os cargos comissionados e os estagiários.

¹³ André Venzon é artista plástico e gestor cultural. Entre 2006 e 2009, foi diretor da Associação de Artistas Plásticos Francisco Lisboa; e, de 2010 a 2012, integrou o Colegiado Nacional de Artes Visuais, entre várias outras representações sociais.

o MARGS são dedicados às artes visuais.¹⁴ E enquanto o MARGS, com suas cerca de 2.700 obras catalogadas, tem foco na produção sul-rio-grandense do século XX, o MAC se volta à produção contemporânea, a partir da década de 1980, em nível local e nacional.

Para instaurar um acervo, antes mesmo do MAC existir, o IEAVI, tendo à frente Fidelis, organizou o CABC, Ciclo de Arte Brasileira Contemporânea. Entre 1991 e 1994, o CABC promoveu uma série de exposições individuais de artistas brasileiros, como Nuno Ramos, Iole de Freitas, Carlos Fajardo, Karin Lambrecht, Vera Chaves Barcellos e Marco Gianotti, entre outros. Totalmente financiadas, elas possibilitaram a formação do acervo inicial da instituição, que passou a ser visto nos espaços da CCMQ, em atividades no interior do Estado e em coletivas de referência, como a *Bienal Brasil Século XX*.¹⁵ Com isso, o museu em construção “mostrava-se”, buscando erigir sua identidade.

Sem sede própria, o MAC explorou essa característica em seus primeiros anos, promovendo exposições de grande escala no Espaço Cultural Edel Trade Center, hoje extinto. Também firmou parcerias importantes, a exemplo da estabelecida com o Goethe Institut de Porto Alegre, que viabilizou a retrospectiva

¹⁴ Os outros museus estatais são: Memorial do Rio Grande do Sul, Museu Julio de Castilhos, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul e Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre; Parque Histórico General Bento Gonçalves, em Cristal; Museu Histórico Farroupilha, em Piratini; Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, em Taquara; Museu Estadual do Carvão, em Arroio dos Ratos.

¹⁵ Naquele momento, o MAC-RS emprestou as obras de Carlos Fajardo e Karin Lambrecht para a mostra, organizada pela Fundação Bienal de São Paulo e que aconteceu entre 24 de abril e 29 de maio de 1994.

de Joseph Beuys em 1992, bem como, mais tarde, as mostras *Georg Baselitz – Obras de 1965 a 1992* (2001) e *Otto Dix* (2002).

Além do MAC, a década de 1990 viu surgir no Rio Grande do Sul duas outras instituições artísticas de referência: a Fundação Iberê Camargo, em 1995,¹⁶ e a Bienal do Mercosul, em 1997. Se a primeira despontava para, entre outros, assegurar a preservação e a divulgação da obra do artista que lhe dá nome, a segunda, fomentada pelas leis de incentivo à cultura, emergia menos como proposição estatal, e mais como manifestação simbólica do empresariado local, remetendo à história da própria Bienal de São Paulo. Assim, a programação oferecida pela Fundação Iberê Camargo e a apresentada pela Bienal do Mercosul (então voltada à produção latino-americana) fortaleceram o campo artístico local, o que foi fundamental; por outro lado, de certo modo desviaram a atenção das instâncias públicas para seu mais recente rebento, o MACRS, que continuava sem sede própria e, não somente isso, sem perspectivas de crescimento, neutralizado pela política neoliberal implantada no Estado.

Necessitando de espaços para acontecer, a Bienal do Mercosul revelou à cidade ambientes antes ignorados, como [1] o antigo prédio das Lojas Mesbla, chamado por muitos de “Guggenheim de Porto Alegre” e utilizado na primeira edição do evento; [2] os galpões do DEPRC,¹⁷

¹⁶ Cujo museu, assinado pelo arquiteto português Álvaro Siza, seria inaugurado em maio de 2008.

¹⁷ DEPRC: sigla para Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais.

junto à área portuária, que alojaram parte da II Bienal; e [3] os armazéns do Cais do Porto, que receberam obras entre as edições IV e VIII. Após a “descoberta” desses edifícios e a constatação de suas eficácias para exibição de arte contemporânea, muito se aventou a possibilidade de o MAC se estabelecer em pelo menos um deles.

Em 2000, durante o governo petista de Olívio Dutra e tendo à frente Bianca Knaak, o IEAVI organizou a ação “SIM! O MACRS precisa de uma sede” e coletou centenas de assinaturas que asseguraram, a partir de convênios entre o Governo do Estado e instâncias federais, a cedência de quatro armazéns do Cais do Porto, que abrigariam não apenas o museu, mas a Cinemateca do Estado. Embora firmado, o acordo não saiu do papel, motivando diversas manifestações públicas de repúdio. Em artigo publicado no jornal *Zero Hora*, em janeiro de 2004, a artista plástica Maria Tomaselli pressionava:

[...] Obviamente não se acha dinheiro para a construção de um novo prédio, mas o MAC está de olho no Cais do Porto. Não está só de olho. Num governo anterior já lhe foi prometido um armazém. O MAC está lá de direito, mas não de fato. [...] Está tudo pronto: a promessa oficial já foi feita, a prova do fogo realizada, com sucesso total, é só se mudar para lá.¹⁸

Foi o que aconteceu menos de um mês depois. Era a administração do governador Germano Rigotto (PMDB), e a então diretora do museu, Marli Araújo, levou para o Armazém A6 a *Mostra de Lançamento do MAC no Cais do Porto*.¹⁹ Paulo Gomes, comentando a iniciativa, definiu-a

¹⁸ TOMASELLI, Maria. O Mac. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 19 de janeiro de 2004.

¹⁹ A mostra aconteceu entre 13 de fevereiro e 25 de abril de 2004, com a participação

como “[...] um evento de acentuado caráter classista e político”.²⁰ Mais adiante, no mesmo texto, aponta:

[...] A ausência de uma política cultural [...] nos deixa à mercê de ações culturais no mais das vezes assistencialistas e culturalmente inócuas. Quem é, afinal, o responsável pela ausência de uma sede para o MAC, pela manutenção de um sistema institucional falido, pela vigência de projetos assistencialistas e empreguistas nas instituições e pela onipresença política de eventos gerados por marqueteiros políticos?²¹

Como forma de assegurar o território no Armazém A6, foram organizadas, mesmo que precariamente, pelo menos 10 exposições e atividades, entre 2004 e 2006. No entanto, com a mudança de governo e sem as condições necessárias, o MAC retornou à CCMQ, prestes a enfrentar o seu pior período.²² Sob o governo de Yeda Crusius (PSDB), um enxugamento sem precedentes foi implantado em vários órgãos públicos, e o segmento da cultura, como era de se esperar, foi dos mais afetados. Naquele cenário, uma única pessoa, o gestor cultural César Prestes,²³ assumiu a direção do IEAVI, do MARGS e do MACRS. Sem equipe, sem projetos ou mínima programação, o MAC foi um sobrevivente.

de 139 artistas.

²⁰ GOMES, Paulo César Ribeiro. Círculos inoperantes. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 13 de março de 2004, Caderno Cultura, p. 02.

²¹ Idem.

²² Enquanto isso, outro desenho surgia para a área portuária e desativada da capital gaúcha. Atualmente em execução, o projeto “Cais Mauá” vai transformar os armazéns num complexo comercial e turístico, com a presença de restaurantes, bares e lojas. Com investimentos da ordem de R\$ 500 milhões, a previsão é de que o complexo seja inaugurado em 2014, durante a Copa do Mundo.

²³ César Prestes é administrador gestor cultural. Foi diretor do Centro Cultural APLUB na década de 1990 e diretor do IEAVI, do MARGS e do MAC-RS entre 2007 e 2010, além de ter assumido a Secretaria do Estado da Cultura em 2010. Desenvolve vários projetos culturais e curatoriais em Porto Alegre.

Em 2011, com Tarso Genro (PT) como governador, o Secretário de Estado da Cultura Luiz Antonio de Assis Brasil convidou Vera Pellin²⁴ a assumir o IEAVI, Gaudêncio Fidelis para a direção do MARGS e André Venzon para o MAC. Era a primeira vez, desde a sua fundação, que o MAC tinha um diretor exclusivo, sem acumular a coordenação do IEAVI. E era a primeira vez que a arte contemporânea despontava como cerne das três instituições, sugerindo deficiências da política cultural para as artes visuais no Estado.

O contemporâneo em disputa

O maciço investimento intelectual no debate sobre arte contemporânea, presente no âmbito acadêmico, também é verificado nas instituições, sobretudo nas públicas. Com apenas dois museus estatais, seria razoável que um deles assumisse a guarda, a investigação e a exibição da produção pregressa e já consolidada, enquanto o outro se dedicasse à hodierna. Embora tradicional, esse modelo cumpriria minimamente com o que se espera de um aparato público. Com o surgimento do MACRS, houve essa espécie de “acordo tácito” entre as instituições, ficando cada uma dedicada a um segmento. O IEAVI, por sua vez, seria o articulador das políticas públicas para a área no Estado, também desenvolvendo projetos de incentivo aos jovens

²⁴ Vera Pellin é produtora cultural. Foi diretora da Associação de Artistas Plásticos Francisco Lisboa entre 2010 e 2012; diretora do Setor de Mostras e Programação da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre nos anos de 1988, 1994 e 1995; diretora do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre entre 1988 e 1993, entre várias representações sociais.

artistas, ainda não participantes dos circuitos de museus.²⁵ Entretanto, no momento atual, observa-se uma alteração desse perfil, sobretudo no que tange ao Museu de Arte do Estado; tal característica sensibiliza o objeto deste artigo, o MAC.

Ao longo de décadas, o MARGS organizou exposições monográficas de grandes artistas brasileiros e recebeu coleções e coletivas nacionais e internacionais que atraíam grande número de visitantes, a exemplo de *Artes Gráficas do Expressionismo Alemão* e *Arte Atual de Berlin*, na década de 1980, e *De Frans Post a Eliseu Visconti* e *Biblioteca Nacional*, ambas em 2000. Fidelis, tendo ao lado o curador do museu, José Francisco Alves,²⁶ instaurou um novo e modelo expositivo, mesclando obras do acervo (muitas das quais completamente desconhecidas do público) com produções atuais, incorporadas recentemente à coleção. Polêmico, o chamado “modelo labiríntico” de curadoria²⁷ abole recortes cronológicos e apresenta lado a lado trabalhos de artistas consagrados e de iniciantes. Privilegiando a produção contemporânea, acaba se sobrepondo ao escopo do MAC.

Já o IEAVI tem investido no “Prêmio IEAVI – Incentivo à Produção em Artes Visuais”, voltado à produção atual, e na internacionalização dos participantes desse mesmo

²⁵ A exemplo do Projeto Fahrion, voltado aos jovens artistas, em vigor entre 1989 e 1999.

²⁶ José Francisco Alves é artista plástico, pesquisador e curador. Mestre e Doutor em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte (UFRGS). É professor do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre e autor de várias publicações na área de artes visuais.

²⁷ A primeira exposição nestes moldes foi *Do atelier ao cubo branco* (2011), seguida de *Labirintos da Iconografia* (2011), *O Museu Sensível* (2011), *Alien – Manifestações do Disforme* (2012) e *Cromomuseu* (2013), entre outras.

edital, exibindo suas produções em mostras nos países vizinhos, da Região do Prata.

O quadro apresentado evidencia disputas simbólicas, cujo mote conceitual, curiosamente, é o contemporâneo. Sem uma política cultural clara, a Secretaria do Estado da Cultura, por meio dessas três instituições, cumpre com o papel de fomentar programas e eventos em arte contemporânea, satisfazendo à comunidade artística, mas parece se esquecer de suas outras responsabilidades. Enquanto isso, a pesquisa, a documentação e a exibição de obras de artistas, grupos e instituições do passado ficam à deriva. O MAC, nesse cenário, vê-se obrigado a não apenas assegurar o seu lugar, como a se “fazer notar”, com seus projetos e históricas demandas.

MACRS: estratégias de sobrevivência

Ciente da urgência de visibilidade, André Venzon iniciou sua gestão buscando parceiros. Montou um Conselho Consultivo, órgão de colaboração e assessoramento da direção, formado por empresários e profissionais de destaque no meio cultural,²⁸ cuja composição traz dois presidentes da Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul

²⁸ Instituído, na atual gestão, em 14 de junho de 2011, o Conselho Consultivo do MACRS é formado pelos seguintes membros: Bernardo José de Souza (curador e gestor cultural), Daniel Skowronsky (publicitário), Daniela Corso (arquiteta), Joel Fagundes (arquiteto), Lena Kurtz (jornalista), Márcio Carvalho (arquiteto), Margarita Kremer (arte-educadora), Patrícia Fossati Druck (jornalista), Paula Ramos (historiadora e crítica de arte; professora universitária), Paulo Gomes (artista plástico e historiador da arte; professor universitário), Paulo Roberto Sangoi (professor e diretor do IFRS–Campus Porto Alegre), Renato Malcon (empresário; presidente do Conselho Consultivo), Valpério Monteiro (designer), Vera Chaves Barcellos (artista plástica) e Walter Karwatzki (artista plástico e professor).

(FBAVM): Patrícia Fossati Druck, a atual executiva, e Renato Malcon, à frente da entidade em sua quarta edição (2003). Na sequência, instituiu um Comitê de Acervo e Curadoria,²⁹ que ratifica as aquisições e a programação do museu. E reativou a Associação de Amigos do Museu (AAMACRS, criada em 2003), convidando o advogado e presidente da Associação e do Sindicato dos Bancos do Estado Rio Grande do Sul, Flavio do Couto e Silva, a presidi-la.³⁰ Entre as árduas tarefas da AAMACRS está conseguir verbas para o museu. Sem dotação orçamentária, o MAC encaminha todas as suas demandas à Secretaria de Cultura, que, por sua vez, recebe 0,07% do orçamento do Estado. Segundo André Venzon, nesse sistema, o MAC deve receber por ano entre R\$ 30 e R\$ 60 mil para todas as suas atividades e necessidades. Evidentemente, trata-se de um valor irrisório. É para angariar verbas que a AAMACRS, pautada em ações semelhantes de outros museus brasileiros, criou o “Clube de Colecionadores”, convidando doze artistas locais para desenvolver dez múltiplos, que serão vendidos ao preço de R\$ 1 mil cada.³¹ A ação pretende arrecadar pelo menos R\$ 50 mil para o museu.

²⁹ Criado em 2011, o Comitê de Acervo e Curadoria é atualmente composto pelos seguintes membros: Bernardo José de Souza (curador e gestor cultural), Eduardo Ferreira Veras (jornalista e pesquisador), além dos já citados Paula Ramos, Paulo Gomes, Vera Chaves Barcellos e Walter Karwatzki.

³⁰ Criada em 2003, a Associação de Amigos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul é atualmente dirigida pelos seguintes membros: Ricardo Russowsky (Diretor de Finanças e Captação), Carlos Alberto Carvalho Filho (Diretor de Comunicação e Marketing), Elisabete Bina Monteiro (Diretora Cultural), Fernanda Campos Sirena (Diretora de Relações Sociais) e Carla Macedo (Diretora de Relações Institucionais), além de seu presidente, Flávio do Couto e Silva. Atualmente, a AAMACRS conta com pouquíssimos associados: cerca de 60 pessoas.

³¹ Os artistas participantes do projeto são: Carlos Tenius, Dulce Helfer, Eleonora Fabre, Fabio del Re, Fredy Vieira, Jorge Menna Barreto, Luiz Antonio Felkl, Luiz Carlos Felizardo, Marilice Corona, Nara Amelia Melo, Nelson Wilbert e Teresa Poester. Metade do valor das obras vendidas será destinada aos artistas.

Confiante e articulado, Venzon investe preponderantemente em relações. Daí a importância do Conselho Consultivo, do Comitê de Acervo e Curadoria e da AAMACRS. Braços do museu, essas instâncias formadas por comunicadores, arquitetos, empresários, pesquisadores e artistas plásticos oferecem orientação e apoio às suas propostas. Graças a essas cooperações, o MAC comemorou seus 20 anos com nova identidade visual, desenvolvida pelo GAD Design, que tem entre seus diretores o conselheiro Valpério Monteiro. O escritório também iniciou o desenvolvimento de peças gráficas e publicitárias diferenciadas, hoje uma marca do museu. Outra associação importante foi com o Santander Cultural, que não apenas patrocinou o restauro de 15 obras do MAC, conseguindo para as mesmas a justa acomodação, como abriu suas portas, em 2012, para a grande exposição comemorativa ao aniversário do museu. Para essa mostra, em reconhecimento ao trabalho fundador, Venzon convidou Gaudêncio Fidelis a assinar a curadoria. Intitulada *O Triunfo do Contemporâneo*, ela já exibia o acervo em expansão. Pouco tempo depois, o próprio Fidelis inaugurava no MARGS *Museumetria – 20 Anos de Produção de Conhecimento pelo Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul*.³² De caráter documental, apresentava uma cronologia da instituição museu, enfatizando seus anos iniciais. Sem casa própria, mas perseverante, o MAC festejava seus 20 anos expandindo-se como podia, principalmente por meio de parcerias.

³² Com curadoria assinada por José Francisco Alves, então curador do MARGS, a exposição se estendeu de 29 de março a 27 de abril de 2012.

Nesse rol, um dos projetos mais singulares foi A *Medida do Gesto*, iniciado em 2011 e que levou estudantes do Instituto de Artes da UFRGS, sob a coordenação de Ana Maria Albani de Carvalho, a organizarem uma mostra e um livro a partir do acervo da instituição.³³ Homenageado pelo júri do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (2012), o projeto percorreu, ao longo de 2013, cidades estratégicas do interior do Estado, como Pelotas, Bagé e Passo Fundo; em 2014, deve chegar a Montenegro, Lajeado e Santa Maria.³⁴

Apostando em uma extensa agenda de exposições e atividades, o MAC organizou, em seus três espaços, 16 mostras em 2011, 9 em 2012 e 14 em 2013. Nesse período, recebendo cerca de 2 mil pessoas por mês, teve altos e baixos: apresentou algumas exposições duvidosas, outras apostando em novos nomes, e alcançou grandes momentos, entre os quais: *Metropolitanos* (2012), um panorama da produção de arte urbana em Porto Alegre; *Sob Constante Ameaça* (2012), com curadoria de José Bernardo de Souza; e *Idades Contemporâneas* (2012), desdobrada em três exposições e organizada por Ana Zavadil, Marcelo Gobatto, Paulo Gomes e a autora do presente texto.³⁵ Um dos objetivos de *Idades Contemporâneas* era angariar obras de artistas que ainda não integravam a coleção do museu.

³³ Os estudantes então participavam da disciplina Laboratório de Museografia, sob responsabilidade de Ana Carvalho.

³⁴ Outra parceria acadêmica, desta vez com o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma UFRGS, foi a exposição *Fazer e Desfazer a Paisagem*, com curadoria de Sandra Rey (2013).

³⁵ Estruturada em três segmentos (*Poéticas em Paralelo*, com curadoria de Ana Zavadil; *Corpoimagem – Mostra de Vídeo*, com curadoria de Marcelo Gobatto e Paulo Gomes; e *Diante da Matéria*, com curadoria de Paula Ramos), *Idades Contemporâneas* recebeu três indicações ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, na categoria Curadoria, sendo agraciada pela mostra *Diante da Matéria*.

E conseguiu. Hoje, devido a essa e a outras campanhas, o acervo da instituição triplicou: de 230 obras em 2011, passou para 766 em 2013.

Acondicionadas em uma reserva técnica que vem recebendo constantes melhorias, essas doações também atestam o envolvimento e a crença da comunidade artística no museu. Isso pôde ser verificado recentemente, durante a aquisição das obras do Projeto MAC 21. Contemplado, em 2011, com o Prêmio Marcantonio Vilaça (concedido pela Funarte/MINC para qualificação de acervos), o MAC recebeu R\$ 300 mil para adquirir obras de 21 artistas, previamente apontados pela direção do museu.³⁶ O processo teve curadoria de Paulo Gomes, membro tanto do Conselho Consultivo, como do Comitê de Acervo e Curadoria. Na divisão do valor total disponível entre os 21 nomes, muitas cotas sequer atingiram o valor mínimo de mercado dos artistas; mesmo assim, eles participaram do projeto. Segundo Gomes, em relato sobre o projeto, “[...] Mais do que um negócio, foi um acontecimento excepcional, marcado pela adesão entusiástica, pela generosidade ímpar e pela consciência política de nossos artistas”.³⁷

As obras, ainda não exibidas, ganharão catálogo e serão o cerne da mostra que inaugurará a nova sede do MACRS. Sim, você leu corretamente: “a nova sede do MACRS”. Na verdade, embora esteja sendo divulgado desta forma,

³⁶ Os artistas participantes do projeto são: Alfredo Nicolaiewsky, Carlos Pasquetti, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Denise Gadelha, Elaine Tedesco, Gil Vicente, Henrique Oliveira, Jorge Menna Barreto, Lúcia Koch, Maria Lúcia Cattani, Nelson Leirner, Paulo Bruscky, Regina Silveira, Rochelle Costi, Rodrigo Braga, Rommulo Vieira Conceição, Rosângela Rennó, Saint Clair Cemin, Teti Waldraff e Walmor Corrêa.

³⁷ GOMES, Paulo César Ribeiro. O projeto de um sonho. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 16 de março de 2013, Caderno Cultura, p. 06.

trata-se de mais um espaço para o museu. Em dezembro de 2012, jornais locais estampavam textos com um mesmo mote: “A novela de duas décadas do MAC promete acabar”. As notas e reportagens davam conta dos trâmites entre a Secretaria do Estado da Cultura (representando o MAC) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS – Campus Porto Alegre), atualmente funcionando no antigo prédio das “Lojas Mesbla”,³⁸ que abrigou a já citada I Bienal do Mercosul. Iniciado em abril de 2013, o projeto intitulado *IFRS e MAC: unindo cultura, educação e arte contemporânea*, prevê a readequação do *hall* do edifício de viés modernista às atividades culturais do museu. Atualmente, o IFRS recebe cerca de 2,6 mil alunos de cursos como Administração, Contabilidade, Informática e Secretariado. Também promove ações de extensão de âmbito cultural, como o Projeto Prelúdio, voltado à formação musical de crianças e adolescentes.

Com a reforma arquitetônica iniciada, o IFRS deve destinar cerca de 1,2 mil m² ao MACRS. No espaçoso *hall*, a partir do primeiro semestre de 2014, poderão ser montadas obras e instalações de grande porte, incluindo as adquiridas pelo Projeto MAC 21. Entretanto, os desafios permanecem e outros questionamentos devem ser feitos: [1] Que programa desenvolver junto ao IFRS? [2] Permanecendo parte na CCMQ e parte no IFRS, o MACRS não esfacelaria a sua identidade? E, finalmente, [3] com a ocupação do espaço junto ao IFRS, o sonho da sede definitiva não estaria cada vez mais distante?

³⁸ Inaugurado em 1940, o prédio situa-se entre as ruas Coronel Vicente e Voluntários da Pátria, na área central e de comércio popular de Porto Alegre.

Perguntas, perguntas, perguntas... Embora haja várias conquistas a comemorar, a situação desse importante museu permanece indefinida, evidenciando as lacunas da política cultural no Rio Grande do Sul.

Referências Bibliográficas:

ALVES JR, Dirceu. Uma década de problemas expostos – Museu de arte contemporânea do Estado completa dez anos sem ter sede própria e fechado para o público. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 05 de março de 2002.

COUTO, Maria de Fátima Morethy; OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de (Org.). *Instituições da Arte*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2012.

FIDELIS, Gaudêncio. *Dilemas da Matéria – Procedimento, permanência e conservação em arte contemporânea*. Porto Alegre: MACRS, 2002.

_____. *História Concisa da Bienal do Mercosul*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2005.

GOMES, Paulo César Ribeiro. Círculos inoperantes. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 13 de março de 2004, Caderno Cultura, p. 02.

_____. O projeto de um sonho. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 16 de março de 2013, Caderno Cultura, p. 06.

KNAAK, Bianca. O MAC do Rio Grande do Sul: um museu que resiste (existe)? In: *Anais do XXXI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte 2011 – [Com/Com]tradições na História da Arte*. Organização: Ana Maria Tavares Cavalcanti, Maria de Fátima Morethy Couto, Marize Malta. ISSN 2236-0719, pp. 387–404.

MOREIRA, Carlos André. Ideias para pensar o futuro das instituições culturais. In: *Jornal Zero Hora*, 08 de janeiro de 2011, Caderno Cultura, p. 4-5.

MOREIRA, Carlos André. Sinal de alerta. In: *Jornal Zero Hora*, 18 de abril de 2011.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. *Museus de Fora – A Visibilidade dos Acervos de Arte Contemporânea no Brasil*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2010.

O Triunfo do Contemporâneo: 20 Anos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. Curadoria de Gaudêncio Fidelis. [Catálogo de Exposição] 1. ed. Porto Alegre: Imago Escritório de Arte, 2012.

TOMASELLI, Maria. O Mac. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 19 de janeiro de 2004.

VENZON, André. Entrevista. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 08 de janeiro de 2011. O Mac em busca de casa própria. Cultura, p. 2.

